



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 6 de março de 2019

[Multimídia]

Catequese sobre o Pai-Nosso - 9

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Quando rezamos o “Pai-Nosso”, a segunda invocação com a qual nos dirigimos a Deus é «venha a nós o vosso Reino» (Mt 6, 10). Depois de ter rezado para que o seu nome seja santificado, o crente expressa o desejo de que se apresse a vinda do seu Reino. Este desejo brotou, por assim dizer, do próprio coração de Cristo, que deu início à sua pregação na Galileia proclamando: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15). Estas palavras não são minimamente uma ameaça, ao contrário, são um feliz anúncio, uma mensagem de alegria. Jesus não quer forçar as pessoas a converter-se semeando o medo do juízo iminente de Deus ou o sentimento de culpa pelo mal cometido. Jesus não faz proselitismo: simplesmente anuncia. Ao contrário, a que Ele traz é a Boa Nova da salvação, e a partir dela chama a converter-se. Cada um é convidado a acreditar no “evangelho”: o senhorio de Deus tornou-se próximo dos seus filhos. Este é o Evangelho: o senhorio de Deus fez-se próximo dos seus filhos. E Jesus anuncia esta maravilha, esta graça: Deus, o Pai, amados, está próximo de nós e ensina-nos a andar pelo caminho da santidade.

Os sinais da vinda deste Reino são numerosos e todos positivos. Jesus começa o seu ministério cuidando dos doentes, quer no corpo quer no espírito, de quantos viviam uma exclusão social — por exemplo os leprosos — dos pecadores desprezados por todos, até por aqueles que eram mais pecadores do que eles mas se fingiam justos. E como os chama Jesus? “Hipócritas”. O próprio Jesus indica estes sinais, os sinais do Reino de Deus: «Os cegos vêem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é

anunciada aos pobres» (*Mt* 11, 5).

“Venha a nós o vosso Reino!”, repete com insistência o cristão quando reza o “Pai-Nosso”. Jesus veio; mas o mundo ainda está marcado pelo pecado, povoado por tantas pessoas que sofrem, por pessoas que não se reconciliam nem perdoam, por guerras e muitas formas de exploração, pensemos no tráfico de crianças, por exemplo. Todas estas realidades são a prova de que a vitória de Cristo ainda não se concretizou totalmente: muitos homens e mulheres ainda vivem com o coração fechado. É sobretudo nestas situações que aos lábios do cristão aflora a segunda invocação do “Pai-Nosso”: “venha a nós o vosso Reino!”. Que é como dizer: “Pai, precisamos de Ti! Jesus, precisamos de ti, temos necessidade de que em toda a parte e para sempre Tu sejas o Senhor no meio de nós!”. “Venha a nós o vosso Reino, que tu estejas entre nós”.

Por vezes perguntamo-nos: porque este Reino se realiza tão lentamente? Jesus gosta de falar da sua vitória com a linguagem das parábolas. Por exemplo, diz que o Reino de Deus é semelhante a um campo no qual crescem juntos o trigo e o joio: o pior erro seria querer intervir imediatamente extirpando do mundo aquelas que nos parecem ervas daninhas. Deus não é como nós, Deus tem paciência. Não é com a violência que se instaura o Reino no mundo: o seu estilo de propagação é a mansidão (cf. *Mt* 13, 24-30).

O Reino de Deus é certamente uma grande força, a maior que existe, mas não segundo os critérios do mundo; por isso parece nunca ter a maioria absoluta. É como o fermento que se mistura com a farinha: aparentemente desaparece, mas é precisamente isso que faz fermentar a massa (cf. *Mt* 13, 33). Ou então, é como um grão de mostarda, que é tão pequenino, quase invisível, mas tem em si a impetuosa força da natureza, e quando cresce torna-se a maior planta do horto (cf. *Mt* 13, 31-32). Neste “destino” do Reino de Deus pode-se intuir a trama da vida de Jesus: também Ele foi para os seus contemporâneos um sinal frágil, um evento quase desconhecido pelos historiadores da época. Um «grão de trigo», assim Ele mesmo se definiu, que morre na terra mas só assim pode dar «muito fruto» (cf. *Jo* 12, 24). O símbolo da semente é eloquente: um dia o camponês lança à terra (um gesto que parece uma sepultura), e depois «quer esteja a dormir, quer se levante, de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem ele saber como» (*Mc* 4, 27). Uma semente que germina é mais obra de Deus do que do homem que semeou (cf. *Mc* 4, 27). Deus precede-nos sempre, Deus surpreende-nos sempre. Graças a Ele depois da noite da Sexta-feira Santa há uma alvorada de Ressurreição capaz de iluminar de esperança o mundo inteiro.

“Venha a nós o Vosso Reino!”. Semeemos esta palavra no meio dos nossos pecados e das nossas faltas. Ofereçamo-la às pessoas derrotadas e martirizadas pela vida, a quem conheceu mais ódio do que amor, a quem viveu dias inúteis sem nunca compreender porquê. Ofereçamo-la a quantos lutaram pela justiça, a todos os mártires da história, a quem se deu conta que combateu por nada e que neste mundo domina sempre o mal. Ouviremos então que a prece do “Pai-Nosso” responde. Repetirá mais uma vez aquelas palavras de esperança, as mesmas que o

Espírito colocou como selo da inteira Sagrada Escritura: “Sim, venho depressa!”: esta é a resposta do Senhor. “Venho depressa”. Amém. E a Igreja do Senhor responde: “Vinde, Senhor Jesus” (cf. *Ap* 2, 20). “Venha a nós o vosso Reino” é como dizer “Vinde, Senhor Jesus”. E Jesus responde: “Virei depressa”. E Jesus vem, à sua maneira, mas todos os dias. Tenhamos confiança nisto. E quando rezarmos o “Pai-Nosso” digamos sempre: “Venha a nós o vosso Reino”, para sentir no coração: “Sim, sim, venho, e venho depressa”. Obrigado!

Saudações

Saúdo cordialmente os grupos escolares de Bragança, Cabeceiras de Basto, Lourinhã, Oeiras e Viseu e também os fiéis das paróquias de Moreira e Pouso Alegre. A vós e a todos os peregrinos de língua portuguesa, desejo um frutuoso caminho quaresmal que vos permita encontrar e seguir mais de perto Jesus, até poder dizer, com São Paulo, «já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim». Sobre vós e vossas famílias, desça a Bênção de Deus.
